

6. Conclusão

Amigos, amigos; negócios à parte.

O ditado popular da epígrafe acima, quando se trata da construção de um ato de negar no Brasil, não funciona tão bem, como deveria, nos espaços público e privado da sociedade brasileira. Segundo a cultura popular, ditos como este representam verdades incontestáveis e se aplicam de maneira eficaz às situações cotidianas das sociedades. No entanto, dizer *não* a um amigo em um contexto profissional, por exemplo, é uma tarefa árdua, pois, corre-se o risco de perder a amizade, ainda que toda uma argumentação, no âmbito profissional, possa ser desenvolvida para se justificar a negação.

O resultado da nossa pesquisa sobre a construção dos atos de negar em entrevista televisiva confirma que a observação feita acima não é característica de espaços em que há o cruzamento das relações pessoais com as profissionais e, ainda, revela a necessidade de tratarmos os parâmetros que envolvem a construção dos atos de negar no português do Brasil com um cuidado especial.

O primeiro problema por nós apontado, ou seja, a conceituação dos atos de negar, longe de ser tratado satisfatoriamente nas gramáticas de cunho tradicional e nos manuais de ensino de PLM e de PLE, foi amplamente observado na análise aqui empreendida. E pudemos constatar que, quando nos referimos à construção de um ato de negar e à sua conceituação no sentido mais abrangente possível, devemos nos reportar a um tipo de ato de fala que se constrói por meio dos princípios norteadores estabelecidos na relação existente entre língua, sociedade e cultura.

Identificar, como a gramática tradicional nos aponta, o elemento da sentença sobre o qual o elemento formal da negação incide é, certamente, um dos pontos a serem tratados no que diz respeito a um dos aspectos envolvidos no processo de negar. No entanto, este mesmo ato de negar, ainda que analisado pelas relações sintáticas estabelecidas na estrutura oracional, não corresponde a uma construção destituída de intencionalidade. Todo e qualquer enunciado de uma língua pode significar muito mais do que a soma de seus elementos podem sugerir.

Conceituar, portanto, o ato de negar significa considerar os parâmetros definidores de uma construção enunciativa que, ao negar parte do discurso, pretende alcançar um determinado objetivo interacional. Compreendê-lo, por sua vez, numa perspectiva discursiva que abarque todos os seus níveis de estruturação, sejam eles morfológicos, sintáticos, semânticos ou pragmáticos, é condição *sine qua non* para a construção de uma definição satisfatória para este tipo de fenômeno lingüístico.

Foi pensando desta forma que iniciamos a pesquisa buscando informações sobre a negação nas gramáticas de PLM e de PLE e nos estudos lingüísticos que tratam do assunto. Quanto à abordagem do tema em PLM, observamos que, em geral, as gramáticas de cunho tradicional citam a negação quando descrevem a tipologia frasal (declarativa negativa), a classe dos advérbios ou as palavras denotativas. A exposição do assunto fica, basicamente, restrita aos apontamentos sobre a estruturação sintática dos elementos frasais. Ou seja, os autores informam que alguns elementos formais apresentam valores negativos, tais como: os advérbios *não*, *nunca* e *jamais* e os pronomes indefinidos *nenhum*, *nada* e *ninguém*. O *não* é o único elemento que, segundo Bechara (2001), pode deixar de ser um advérbio quando é utilizado como resposta. Neste caso, ele passa a ser um elemento substituto de oração (uma pró-oração).

Não encontramos, nas gramáticas analisadas, nenhuma referência, em nível pragmático, sobre o uso dos chamados elementos formais de negação em situações funcionais concretas. Também não há informações sobre a possibilidade de outras estruturas da língua, como, por exemplo, expressões fixas (formulaicas ou idiomáticas) expressarem valor negativo.

Na literatura lingüística sobre a negação em português, analisamos as obras de Castilho (2002), que trata da língua falada no ensino do português, e de Neves (2000), que aborda a negação de acordo com suas diferentes manifestações. Ambos apresentam a preocupação de registrarem informações sobre o uso efetivo das estruturas que apresentam valor de negação. O assunto em Neves (2000) é tratado em um capítulo à parte, o que demonstra que a autora considera a construção dos atos de negar uma questão bastante relevante.

No que diz respeito ao ensino de PLE, analisamos duas gramáticas destinadas a este público específico. A gramática de Prista (1966) apresenta o assunto tal como as gramáticas de cunho tradicional desenvolvidas para os

aprendizes de PLM. Ou seja, as lacunas da obra são muitas e, conseqüentemente, demonstram um caminho ainda mais difícil para o tratamento da questão no ensino de PLE.

Quanto à segunda gramática analisada, a de Hutchinson & Lloyd (1996), observamos uma preocupação em sinalizar a existência de inúmeras estratégias discursivas para se construírem enunciados de valor negativo. As autoras apresentam, além das informações sobre a organização sintática dos elementos formais de negação, algumas listas de expressões fixas que podem ser usadas para expressar a discordância ou para estabelecer um ato de recusa, por exemplo. No entanto, encontramos duas lacunas nas informações apresentadas. Primeiro, as autoras afirmam que o elemento *não* é sempre utilizado em posição pré-verbal, o que não foi constatado nesta nossa pesquisa sobre o português do Brasil. Em segundo lugar, apesar de apresentarem as listas de expressões com valor de negação, não há nenhuma sistematização sobre a funcionalidade das referidas expressões em situações de uso.

A partir da análise das expressões apresentadas por Hutchinson & Lloyd (1996), fizemos um contraponto com a apresentação das frases lexicais apresentadas na obra *Lexical Phrases*, de DeCarrico e Nattinger (1992), as frases lexicais são categorizadas por tipos, e, entre elas, estão as denominadas *discourse device*. Estas frases apresentam funções pragmáticas e, portanto, nos ajudam a refazer o caminho de leitura das expressões apresentadas por Hutchinson & Lloyd (1996), o que contribuiu significativamente para a análise descritiva e interpretativa dos dados de nossa pesquisa.

A última obra analisada sobre PLE foi a de Perini (2002). A gramática apresentada pelo autor traz referências, basicamente, sobre a negação no nível sintático e pouco contribuiu para a nossa pesquisa, que buscou realizar um trabalho mais amplo, com abrangentes aspectos discursivos e pragmáticos.

Dado este primeiro passo, de análise das obras em PLM e em PLE, iniciamos as considerações sobre o primeiro dos três objetivos propostos na pesquisa: o de caráter descritivo. Assim, propusemos uma categorização tipológica das estratégias linguísticas relacionadas à construção dos atos de negar a partir do uso dos elementos formais de negação e de estratégias outras que evidenciam a negação. Apresentamos, ainda, a categorização do uso dos elementos formais de negação que são destituídos de valor negativo em nível

discursivo. A tipologia proposta trata do segundo problema apresentado nesta pesquisa: os atos de negar realizados de forma direta ou indireta.

Com base na idéia de construção de atos diretos e indiretos, consideramos necessário nos reportar também aos modos de realização implícito e explícito dos referidos atos. Assim, apresentamos três sub-conjuntos de atos de negar com o uso de elementos formais de negação: 1) a negação explícita direta, 2) a negação implícita direta e 3) a negação explícita indireta. Quanto à construção de atos de negar sem o uso de elementos formais, apresentamos um sub-conjunto: o da negação implícita indireta.

Esta categorização nos permitiu observar que há inúmeras estratégias discursivas envolvidas no processo de construção de um ato de negar. Algumas desenvolvem-se a partir do uso de elementos formais utilizados diretamente e outras constroem-se de forma indireta, com a utilização de recursos vários, tais como o uso de estratégias de polidez e de envolvimento, acompanhadas de atos que evidenciam, por exemplo, desvios de foco de informação, sobretudo, no uso de construções realizadass de forma indireta.

Estes diferentes modos de construir a negação apontam para o desenvolvimento dos aspectos que envolvem o terceiro problema da pesquisa – a negação como algo problemático na sociedade, ou seja, como ato de ameaça à face -, e, conseqüentemente, dá início à discussão acerca do segundo objetivo de nosso trabalho: a interpretação dos dados.

A partir da reflexão sobre as razões pelas quais utilizamos diferentes modos de construção de atos de negar em um contexto de entrevista televisiva, apresentamos uma análise interpretativa, partindo de um ponto de vista macro acerca das relações estabelecidas entre as formas de realização dos atos de negar e os aspectos lingüísticos, sociais, culturais, interacionais e psicológicos envolvidos no processo de negar.

Um dos pontos importantes desta análise foi a ampliação do conceito de jeitinho brasileiro. O referido termo, tão exaustivamente discutido na Antropologia Social, ganha uma nova roupagem em nossa pesquisa. Ou seja, passamos a considerá-lo não apenas a partir de um ponto de vista ancorado na sociologia, mas, sobretudo, numa perspectiva discursiva relacionada ao conceito de habilidade discursiva proposto por Goffman (1980 [1967]). A proposta é mostrar que as estratégias discursivas utilizadas durante a construção do ato de

negar revelam as características do jeito, no sentido de haver uma tentativa de driblar normas e evitar conflitos na negociação verbal. Quando bem compreendido, este recurso é visto como um ato que busca a preservação da face do locutor e do interlocutor. Contudo, se não aceito, por incompreensão ou não percepção da utilização do drible discursivo, ou, ainda, por decisão pessoal do interlocutor, este ato torna-se uma ameaça à face e, por esta razão, causa um mal-estar discursivo.

No caso das entrevistas analisadas, os participantes pretendiam manter ou construir uma imagem pública positiva – questão relacionada ao último problema apontado neste nosso trabalho -, a partir de um jogo discursivo que tinha como objetivo encontrar a melhor forma de se colocar em público.

Neste sentido, as discordâncias e as asserções negativas construídas no espaço analisado foram estrategicamente calculadas, visto que os participantes, que estavam na relação face-a-face, no estúdio da TVE, tinham objetivos sócio-interacionais, basicamente relacionados às suas respectivas profissões, a serem alcançados. O uso, portanto, do conjunto de recursos utilizados para mitigar os atos de discordância, quando ato despreferido, mostrou a importância de se analisarem as razões pelas quais as particularidades de espaços, aparentemente distintos, apresentam-se de forma complementar. Neste jogo discursivo, as dimensões sociais relativas às esferas da pessoa e do indivíduo, da casa e da rua, ou da igualdade e da hierarquia se confundem. Deixam de ser antagônicas para se juntarem ao momento mágico de uma sociedade que desvela, em cada ambiente discursivo, o imaginário de uma identidade social fragmentada; uma sociedade unida pela diversidade e diversa pela unidade.

Por pensarmos assim, partimos, finalmente, para a apresentação das nossas considerações sobre o terceiro e último objetivo da pesquisa: o de caráter pedagógico.

Ensinar uma língua outra significa dispor de um conhecimento sobre o idioma da língua alvo que ultrapassa as barreiras do saber como utilizar as propriedades envolvidas na construção desta língua. O professor de PLE, ao se deparar com os problemas enfrentados pelo aprendiz, vê, muitas vezes, em situações embaraçosas, porque não sabe como iniciar uma explicação de algo sobre o qual ele nunca havia parado antes para refletir. Questionamentos como *Por que negamos desta ou daquela forma? Por que preferimos uma determinada*

estratégia discursiva em detrimento de outra? são comuns na cabeça do professor de PLE quando diante da dúvida do aprendiz sobre a negação. Estas perguntas que circundam o universo de construção da negação e se tornam graves obstáculos no processo de ensino aprendizagem de PLE, ou de qualquer outra língua, devem ser pensadas a partir de uma análise lingüística que considere as particularidades relacionadas à língua, à cultura e à sociedade em um dado contexto situacional.

Saber dizer *não* em português é um processo que requer total domínio das regras subjacentes aos jogos da linguagem. O hibridismo característico da sociedade brasileira nos revela não só dois caminhos distintos, como o da rua ou o de casa, por exemplo, mas a possibilidade de passear pelas fronteiras, num ir e vir pelos entre-lugares, enfim, pelas trilhas que levar-nos-ão à conquista dos objetivos sócio-interacionais buscados a cada negociação verbal. Portanto, o não domínio destas regras que norteiam todo o processo de construção dos atos de negar abre espaços para a ocorrência, no processo de ensino de PLE, de mal-entendidos, lingüísticos e culturais, e da má compreensão e produção de enunciados na interação.

A pesquisa, por ter como um dos objetivos mostrar a aplicabilidade dos resultados obtidos, sobre os modos e os porquês da realização dos atos de negar no ensino de PLE, revela a premência de se tratar o assunto em questão com especial atenção.

A viabilidade, pois, de se desenvolverem mais trabalhos sobre a negação em diferentes contextos se faz necessária. Seria bastante útil para área de ensino de PLE que estudos outros pudessem mostrar as múltiplas possibilidades de se construir um ato de negar, por exemplo, em conversas espontâneas, debates acadêmicos, discussões em variados ambientes profissionais, entre outros.

Uma outra importante contribuição seria, ainda, a realização de pesquisas quantitativas que pudessem revelar a freqüência da utilização de determinadas formas discursivas em um dado contexto.

Enfim, terminamos este trabalho tendo a certeza de que não esgotamos o assunto. Apesar de estarmos dando os primeiros passos na caminhada inserida nesta tão rica e inexplorada área de pesquisa lingüística, sobretudo no que diz respeito ao ensino de PLE, acreditamos ter preenchido uma lacuna no estudo sobre a negação na descrição lingüística em PLM, no caminho da interpretação da manifestação

dos atos de negar em um contexto de televisão e no processo pedagógico relativo à aplicabilidade da análise empreendida para o ensino de PLE.